

RAQUEL BORGES DOS SANTOS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

**AS GÍRIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA LÍNGUA INGLESA
QUE SÃO UTILIZADAS POR COMUNIDADES LGBT: SITUAÇÕES
DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTOS**

TERESINA
2020

RAQUEL BORGES DOS SANTOS

**AS GÍRIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA LÍNGUA INGLESA
UTILIZADA POR LGBTs: SITUAÇÕES DE APROXIMAÇÃO E
DISTANCIAMENTOS**

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para obtenção do título de Graduação no Curso de Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, orientado pelo Prof. Esp. Mário Eduardo Pinheiro.

**TERESINA
2020**

**AS GÍRIAS DA LINGUA PORTUGUESA E DA LINGUA INGLESA
UTILIZADA POR LGBTs: SITUAÇÕES DE APROXIMAÇÃO E
DISTANCIAMENTOS**

RAQUEL BORGES DOS SANTOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM ____/____/____

**TERESINA
2020**

*Aos meus pais, Maria das Dores e
Reinaldo, e ao meu irmão, Rafael,
por me proporcionarem o apoio
necessário durante esses anos.*

Javé desceu para ver a cidade e a torre que estavam construindo. E Javé disse: eles são um só povo com uma só língua. Isso é apenas o começo dos seus empreendimentos. De agora em diante nenhum projeto será irrealizável para eles (Gêneses 11: 1-9).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UESPI, por ter sido uma segunda casa para mim durante a graduação, e que me proporcionou a possibilidade de cursar algo que gosto. Aos meus professores, por serem fonte de inspiração de vivência acadêmica e que me ensinaram muitíssimo.

Agradeço, também, aos meus pais, Maria das Dores e Reinaldo, por me auxiliarem tanto durante essa caminhada e tantas outras.

Ao meu irmão, Rafael, que sempre foi meu porto seguro em momentos de dificuldades e sempre me incentivou a ser a melhor versão de mim.

Além disso, agradeço às minhas amigas de caminhada, Renata, Ananda e Vilmara, que compartilharam comigo tantos aprendizados e que me ajudaram a amadurecer e evoluir profissional e mentalmente.

Aos meus primos do EJC, por, em tantos momentos, terem me proporcionado o amparo de Deus, através das suas palavras.

Agradeço aos meus amigos em geral, que em algum momento, ajudaram-me com suas palavras em momentos importantes e me acompanharam durante altos e baixos, apesar dos meus erros, não me abandonaram durante a caminhada, tenho apenas que agradecer.

E, por último, mas certamente o mais importante, a Deus, por ter me proporcionado a dádiva da vida e ter me amparado enviando pessoas nos momentos certos para me ajudar.

RESUMO

O presente trabalho se propôs a analisar as situações em que é possível aproximar ou distanciar os significados e a etimologia das gírias, levando em consideração o processo cultural e qual método de tradução foi utilizado, tendo em vista que a gíria também é apontada como uma forma de resistência de diversas comunidades, que foca especificamente nas que são utilizadas por membros da comunidade LGBTQIA+, tanto na língua inglesa quanto na portuguesa. Partindo de uma pesquisa bibliográfica, baseada nos teóricos como Pierce (2000), Spears (2000), Coulthard (1991), entre outros, esta investigação teve como objetivo principal, identificar se as vivências de uma comunidade específica poderiam influenciar em suas gírias, independentemente de onde elas estejam. Dessa forma, para as comparações, foram usadas gírias cujo *corpus* teve como fonte, a série *Queer as Folk*, tanto para o vocabulário coletado em inglês, quanto para a tradução em português utilizada na série. Em seguida, a análise foi feita, não apenas da proximidade com sua tradução, mas a possível existência de uma gíria presente na comunidade LGBTQIA+ brasileira que poderia ter uma maior equivalência. Em suma, os resultados obtidos apresentam a vivência da comunidade como principal fator de suas criações e, conseqüentemente, a influência dessa vivência em suas gírias, mesmo que ocorra em línguas diferentes.

Palavras-chave: Tradução. Gíria. Análise de Corpus.

ABSTRACT

The present work proposes itself to analyze the situations in where is possible to approximate or hold off the meanings and the etymology of slangs. Taking into consideration the cultural process and which translating method was used. Owing that the slang also is pointed as a form of resistance of plenty communities, focusing specifically on those that are used by the members of the LGBTQIA+ community, both in the English language and the Portuguese one. Starting from a bibliographic research, based on theorists as Pierce (2000), Spears (2000), Coulthard (1991), among others. This investigation had as its main goal, identify if the life experiences of a specific community could influence its slangs, independently where they are. To compare, there were used slangs, whose corpus had, as a source, the TV show *Queer as Folk*, both to the vocabulary collected in English, as to the translation in Portuguese used on the TV show. The analyses were made, not only about the proximately with its translation, but the possible existence of a slang in the Brazilian LGBTQIA+ community that could have more equivalence. The results show the life experiences of the community as the main factor of its creations and, consequently, the influence of these life experiences on the slangs, even if it occur in different languages.

Key-words: translation. Slang. Corpus analyses.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	26
Tabela 2.....	29
Tabela 3.....	31
Tabela 4.....	35
Tabela 5.....	38
Tabela 6.....	41
Tabela 7.....	43
Tabela 8.....	45
Tabela 9.....	48
Tabela 10.....	50
Tabela 11.....	50
Tabela 12.....	52
Tabela 13.....	54
Tabela 14.....	57
Tabela 15.....	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 Os processos de identificação e tradução de gírias.....	15
2.1 Gíria, resistência e ideologia.....	15
2.2. Gíria e o preconceito linguístico.....	18
2.3 A tradução	19
3 METODOLOGIA.....	23
3.1 Tipo de Pesquisa.....	23
3.2 População.....	23
3.3 Amostra.....	24
3.4 Técnica de Coleta de Dados.....	24
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO <i>CORPUS</i>.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Nós, seres humanos, temos por essência a necessidade de nos comunicar, Como diz Fiorin (2013, p. 2) o homem não está programado para aprender física ou matemática, mas está delineado para falar, para aprender línguas, quaisquer que elas sejam. Dessa forma, tendo em mente que a habilidade de comunicação pertencente ao ser humano é inata, podemos nos deparar com a curiosidade de observarmos diferentes meios usados para que esse ato aconteça. Nesse sentido, o ser humano sente necessidade pela comunicação, comprovado pelos desenhos em pedras até a emissão de sons.

Nessa perspectiva, diferente de outras ações inatas do indivíduo, a linguagem e a fala precisam ser adquiridas por meio de aprendizagem como cita Fiorin (2013, p. 2), por exemplo, em *A Linguagem Humana e O mito da Ciência*, por essa razão, a aptidão para a linguagem é um traço genético. No entanto, sua realização passa por um aprendizado, que é do domínio cultural, como testemunham os casos das crianças selvagens, cuja capacidade de linguagem não se desenvolveu. Dessa forma, quando se fala de domínio cultural é importante mencionar que qualquer pessoa que esteja adquirindo e desenvolvendo suas habilidades de comunicação estará imersa em uma cultura e, por conta disso, irá adquirir características da comunidade a qual pertence.

Ainda nessa linha, quando se trata de aprendizado de linguagem e aprendizado por cultura, vemos que os significados podem mudar de acordo com o processo cultural de cada um, e que cada língua terá suas particularidades em relação a língua. Assunto discutido por Fiorin:

As palavras formam um sistema independente das coisas nomeadas por elas, o que quer dizer que cada língua pode ordenar o mundo de maneira diversa, exprimir diferentes modos de ver a realidade. Não há uma homologia entre a ordem da língua e a ordem do mundo. O inglês, por exemplo, tem duas palavras, *finger* e *toe*, para expressar aquilo que denominamos dedo. A primeira significa o dedo da mão; a segunda, o do pé. Isso quer dizer que, para nós, as extremidades das mãos ou dos pés constituem a mesma parte do corpo (FIORIN, 2013, p. 5).

De acordo com a cultura em que cada indivíduo foi imerso, sua percepção sobre a vida tende a ser diferenciada. Vemos essa situação, por meio de diversos

exemplos em comparações com a língua inglesa, são as expressões como *flesh* e *meat* em que ambas no português seriam traduzidas como carne, porém no inglês *flesh* é um pedaço de carne morta não comestível, enquanto *meat* seria carne usada para refeições, porém nos identificamos as duas igualmente e, ao traduzir, ambas também usam a mesma tradução apesar de em sua língua de origem ter palavras diferentes para seus significados.

Dessa maneira, a linguagem como um mecanismo de comunicação que evolui constantemente, e por conta de sua evolução, como acontece com diferentes tipos de evolução, algumas palavras entram em desuso, quando se trata de gírias vemos que as que foram usadas nos anos 80 ou 90 perderam a frequência atualmente ou sofreram um processo de substituição para se encaixar melhor com a realidade vivida.

Assim, este trabalho está voltado para a época contemporânea, logo, as expressões estudadas a seguir refletem apenas o tempo atual, pois como já mencionado, as gírias podem e irão evoluir ou ainda serem substituídas, mas esse acontecimento não inibe a necessidade de percebermos como a tradução delas funcionam. Mas afinal, o que é a gíria?

Como resposta, ficaremos com a definição de Holanda (2000, p. 348) que afirma a gíria como linguagem nascida em certo grupo social e termina estendendo-se à linguagem familiar. Logo, quando traduzimos gírias, devemos estar cientes das vivências daquele grupo e em qual sentido e contexto é utilizada e também a circunstância dentro daquele grupo social. Então, será que podemos afirmar que pessoas que participam de um mesmo grupo social, porém falam línguas distintas, possuem gírias parecidas?

Dessa forma, as gírias usadas, por exemplo, em guetos e periferias, são usadas para aquelas pessoas se identificarem e se aproximarem das suas culturas, ou seja, grupos sociais usam gírias que fazem parte de acontecimentos do seu cotidiano. Entretanto, por conta de seu uso específico e cultural, torna-se, muitas vezes, complicado para que a gíria seja traduzida para alguma cultura distinta.

Há também a possibilidade de pessoas que não participam de um determinado grupo social, mesmo de idioma igual, não entender determinadas gírias, pelo fato de serem muito restritas em relação às experiências do cotidiano

apenas das pessoas que estão inseridas naquele grupo. Contudo, existem grupos sociais que, residindo em regiões com culturas e idiomas diferentes, podem ter gírias parecidas e se conectarem pelas suas vivências.

Interessante citar, a importância de se estudar a gíria, e como ela é inserida e usada no meio social, pois é uma parte significativa do vocabulário das línguas. Nesse sentido, diversos grupos sociais se utilizam delas para se comunicarem entre si. Entretanto, algo que entra em questão é que elas são criadas por um determinado grupo e usadas de maneira culturalmente específica. Logo, a etapa de tradução de algumas dessas palavras se torna dificultosa, porque se desconhece, muitas vezes, o significado.

Nesse quesito, a necessidade em observar o berçário da gíria é relevante para que a tradução seja o mais fiel possível. Precisa-se, também, que ao se traduzir algo, é necessário encontrar palavras semanticamente equivalentes na língua alvo, pois ao se tratar de gírias, especificamente, de grupos sociais, podemos considerar importante a forma como ela é usada dentro de cada grupo social, e assim também, como ela é traduzida quando entra em contato com outra língua.

Por conta de grupos sociais terem vivências parecidas, mesmo em culturas distintas, e as gírias vindas de experiências ou referências sobre determinada cultura, há a possibilidade de que existam semelhanças também com o significado de suas gírias. E, quando se passa para a parte da tradução dessas, poderíamos observar a necessidade do seu significado e como determinada palavra entra em um significado parecido em outra cultura, porém no grupo social similar.

Em se tratando da comunidade LGBT as gírias em ambas as línguas e, mesmo em culturas diferentes, possuem gírias próprias da sua comunidade, e devem ser observadas e analisadas para que se avalie a proximidade das gírias em ambas as línguas.

Diante da problemática apresentada, apesar de restritas a um mesmo grupo social, as gírias podem ter o mesmo significado em regiões distintas, e partindo da dúvida sobre como as gírias podem ter suas traduções similares, levantamos os seguintes questionamentos a fim de nos apropriarmos dos fatores sociais que podem causar e a similaridade em relação as gírias: quais fatores sociais

experienciados por pessoas com vivências similares, mesmo que vivendo em lugares diferentes, aproximam os sentidos de suas gírias e/ou fazem com que elas tenham significados semelhantes? Seria a globalização uma auxiliadora para que grupos sociais de lugares distintos, porém com vivências parecidas, tenham gírias com significados semelhantes?

Partindo dos questionamentos feitos, estabelecemos as hipóteses que seguem: que as vivências similares desses grupos possibilitam que eles tenham linguagens com significados semanticamente parecidos, mesmo que não habitem no mesmo local; e também, em relação às vivências similares de grupos que não vivem em países distintos e que devemos levar em consideração levando em conta a quantidade de informação e a rapidez em que essas informações chegam aos lugares é que a globalização e o acesso à internet possibilitam que os grupos acabem adquirindo gírias com significados parecidos com o significado de outra cultura por usarem os mesmos meios e serem de grupos sociais similares.

Dessa forma, seguindo as discussões anteriores sobre a tradução de gírias e suas proximidades semânticas, essa pesquisa teve, como objetivo geral, analisar o uso de gírias e suas traduções na comunidade LGBT e os fatores que as aproximam ou distanciam, mesmo que esse grupo social específico se situe em diferentes culturas. Também, foram efetivados os objetivos específicos: identificar as gírias da comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, intersexuais, Assexuais); explicar os fatores que as aproximam ou as distanciam, sendo as gírias de culturas diferentes, porém grupos semelhantes; avaliar e descrever estes fatores, a fim de compreendê-los melhor.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar, foram apresentados os motivos pelas quais as gírias e seu processo de tradução podem ter situações em comum, analisando suas origens e seus significados. Em segundo lugar, mostrou-se os processos de identificação e tradução das gírias e seus respectivos subtópicos necessários para que se possa compreender os processos que levam a origem das gírias. Em seguida, foi apresentada a metodologia usada nessa pesquisa e as técnicas utilizadas durante o processo. Depois disso, a análise de *corpus*, retirada da série *Queer as Folk* realizada, por meio da apresentação das gírias coletadas e analisando-as de acordo com suas etimologias. Por fim, nas considerações finais,

informou-se se o objetivo geral foi plenamente alcançado e se hipóteses se efetivaram conforme foram levantadas.

E por fim, foram apresentados os processos de construção e tradução envolvendo gírias com base em autores como Charles Pierce (2000), Lois Tyson (2014), Bordenave (2012), dentre outros.

2 OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E TRADUÇÃO DE GÍRIAS

2.1. Gíria, Resistência e Ideologia

A respeito de signo, ideia, índice e objetivo, veremos as definições apresentadas por Pierce, que representa consideravelmente a teoria sobre signo e significado. Os conceitos, a seguir, serão associados às questões de gírias e seus significados que se referem não apenas ao visual e sonoro, mas também, constitui-se por uma percepção de ideias dentro da palavra. Para que possa se falar sobre isso, é interessante nos atentarmos ao que a semiótica afirma sobre o significado:

Um signo ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretamen* do primeiro signo. Signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei fundamento do representamen. "ideia" deve aqui ser entendida num certo sentido platônico, muito comum no falar cotidiano; refiro-me àquele sentido em que dizemos que um homem pegou a ideia de um outro homem; em que, quando um homem relembra o que estava pensando anteriormente, relembra a mesma ideia, e em que, quando um homem continua a pensar alguma coisa, digamos por um décimo de segundo, na medida em que o pensamento continua conforme consigo mesmo durante esse tempo, isto é, a ter um conteúdo similar, é a mesma ideia e não, em cada instante desse intervalo, uma nova ideia (PIERCE, 2000, P. 46).

Nisso, quando Pierce se refere a um objeto, não necessariamente está se referindo a algo material, mas ao que representa uma ideia. Dessa forma, o objeto pode representar uma frase ou uma palavra que carregue consigo um significado em comum aos que a usam. Para que possamos compreender esse pensamento em relação a citação de Pierce, vemos que a ideia é assim considerada por ele, pois ao ser comunicada de pessoa A para B, seu significado ficará em ambos, assim, quando a pessoa B for usar o esse signo ele também carregará toda a ideia a ele atrelada. Considerando isso, também temos o índice, que segundo

Pierce (2000, p. 74) é um complemento para o objeto. Tal índice serve apenas para complementar uma ideia já existente, para que, quem a esteja recebendo possa compreender de maneira mais clara. Com isso, também temos o que Pierce (2000, p. 151) chama de juízo, que é um ato de consciência em que reconhecemos uma crença ou um hábito segundo o qual devemos agir, quando nos deparamos com alguma situação em que será necessário o uso do juízo, Pierce dialoga que nós seremos carregados de signos e índices que, em algum momento, lembraram de um objeto relacionado com a situação, que o referido autor, chama de símbolo. Logo, para ele os signos são ideias em que, nós faremos associações com coisas que ouvimos, vivenciamos e vimos, e que essas ações determinam seus objetos.

Considerando tais colocações, pode-se afirmar que a gíria então, também é, na semiótica, um signo que carrega seu objeto entre um grupo de pessoas, que representa não apenas um significado, mas carregado de vivências correspondentes.

Dessa maneira, ao abordar gíria, devemos nos atentar que também falamos de experiências de grupos particulares que foram marginalizados na nossa sociedade como manutenção de opressão. Sabiamente, Bondenave (2012. P. 1) cita que a partir dos anos 70, ocorreu um deslocamento salutar na ciência linguística e que a linguagem [...] resgatou a sua condição não só de representação de realidade, mas também de codificadora de cultura e de veículos de comunicação. Por meio dessa citação, podemos perceber que a percepção de língua como algo que também transmite cultura é recente, não apenas na sua fala, mas paralelamente em suas estruturas. Percebendo que a linguagem traduz a cultura e realidade, trata-se de ser apto a traduzir vivências, estas que se expressam de forma que os seus as entendam, e possam obter uma percepção de identificação, por meio do que é transmitido.

Notando isso, pode-se acrescentar que, além de uma cultura, a linguagem também pode transmitir uma ideologia, mas afinal, o que é isso? Para o autor anteriormente citado (2012. p.1) ele descreveu como um conjunto de ideias, valores e normais que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que deve pensar, valorizar e fazer. Em partida, podemos acrescentar a fala de Lois Tyson (2014 p. 52) sobre ideologia que diz que, para o Marxismo, é um sistema

de crenças e um produto de condicionamento cultural. E cita, como exemplos, o capitalismo, comunismo, marxismo, patriotismo (tradução nossa)¹. Vemos que, se as ideologias, de alguma forma, podem induzir nossas ideias e fomentar nossos desejos, inclusive, influenciar negativamente as nossas percepções sobre as situações atuais, também pode influenciar nossa forma de nos comunicarmos, já que as palavras traduzem nossos desejos e particularidades perante à sociedade.

Em continuidade, o autor Tyson (2014 p. 54) também cita que ideologias opressoras nos impedem de entender as condições materiais e históricas na qual vivemos, porque eles se recusam a reconhecer que tais condições têm alguma consequência em como vemos o mundo (tradução nossa)². A referida ideologia de opressão faz com que grupos que não são vistos como um padrão comportamental socialmente aceito, seja deixado às margens da sociedade, reforçando pensamentos equivocados e opressões por meio dessas condições oferecidas. E, como ainda menciona Tyson (2014, p 53) em seu livro *Critical Theory Today*, as ideologias mais bem-sucedidas não são reconhecidas como tal, mas são ensinadas como meios naturais de observar o mundo por pessoas que se submetem a elas (tradução nossa)³. Por isso, observando as citações podemos identificar semelhanças entre as ideologias que nos cercam e as citadas por Tyson, uma vez que, as opressões sofridas por grupos marginalizados, atualmente, também são vistas como maneiras naturais de se posicionar na sociedade.

Em se tratando de grupos marginalizados, podemos notar que a comunidade LGBTQIA+ até os dias atuais luta pelo seu direito de expressão, como foi mencionado por Tyson (2014, p. 319) em seu capítulo sobre *Queer Criticism*, explica que até os anos de 1974 homossexuais eram colocados para “tratamento” em instituições que, às vezes, incluía o choque e lobotomias (tradução nossa)⁴, Tyson também cita, em seguida, que até os anos 90 ainda existia uma política de restrição a migração de homossexuais nos Estados Unidos

¹ “For marxism, an ideology is a belief system, that is, a product of cultural conditioning, for example: capitalism communism, Marxism, patriotism...” (TYSON, 2014, p. 52).

² “Repressive ideologies prevent us from understanding the material/ historical conditions in which we live because they refuse to acknowledge that those conditions have any bearing on the way we see the world” (TYSON, 2014, p. 53).

³ The most successful ideologies are no recognized as ideologies but are thought to be natural ways of seeing the world by the people who subscribe to them” (TYSON, 2014, p 53).

⁴ “Although gay people are no longer placed in mental institutions for “treatment” – which sometimes included aversion therapy, electric shock treatment even lobotomies” (TYSON, 2014, p. 319).

(tradução nossa)⁵. Ou seja, ao analisar vemos que desde essa política até 2021, passaram-se apenas trinta e um anos, isto é, uma situação de preconceito ainda muito recente.

Segundo *A Folha de São Paulo* (2018), os casamentos homoafetivos no Brasil só foram garantidos como direto em 2011, porém houve certa resistência em alguns cartórios, então em 2013, o Conselho Nacional de Justiça publicou uma resolução que permite os casamentos e proíbe que os cartórios se neguem a realizá-los. Comparando às épocas dessa conquista, nota-se que tem apenas oito anos em um país que tem mais de cem anos de Constituição. Nesses poucos exemplos, vemos como a comunidade LGBTQIA+ fez e ainda faz parte de uma parcela bastante marginalizada na nossa sociedade, principalmente, quando se trata de exercerem seus desejos e falas.

2.2 A Gíria e o preconceito linguístico

Como foi mencionado por Preti (2000, p. 244), o fato de muitos pesquisadores não revelarem um interesse pelo estudo das gírias demonstra certo nível de preconceito linguístico, pois muitos veem as gírias como algo que não merece tanta atenção no meio acadêmico. Dessa maneira, o preconceito linguístico referente às gírias ocorre, porque, por muito tempo, elas foram vistas como parte de uma comunidade mais marginalizada e, por isso, são deixadas de lado e vistas como algo que não faz parte do vocabulário.

Deve-se considerar, também, que sua origem ligada a grupos sociais renegados pela sociedade acabou por associar a gíria, na sua origem, às classes mais baixas da população (“baixas” no sentido de menor renda e escolaridade), à “linguagem do povo” (isto é, das “camadas populares menos cultas”), tradição que só começou a romper-se há bem pouco tempo, quando, em algumas sociedades democráticas, a chamada “linguagem popular” foi perdendo gradativamente o sentido pejorativo que a caracterizava (PRETI, 2000, p. 248).

Por muito tempo, as gírias foram colocadas à margem da sociedade, assim como os grupos dos quais elas surgem. E vemos que isso é algo que vem sendo questionado recentemente como expressões regionais e parte de sua cultura,

⁵ *It wasn't until 1990 that the 1952 immigration policy restricting homosexual immigration into the United States was lifted* (Tyson, 2014, p.320)

fazendo com que elas não fossem apenas uma mera forma de comunicação entre seus grupos, mas também uma forma de resistência a um sistema opressor.

Por outro ângulo, Preti (2000, p. 253) cita que também pode apenas representar a linguagem de um grupo restrito de costumes insólitos que, por possuir hábitos diferentes da sociedade em que vive, gera uma atitude preconceituosa em relação a seu vocabulário.

Portanto, como Preti afirmou acima, as gírias eram usadas, por grupos marginalizados, que encontravam nessa forma de falar uma maneira de afirmarem suas identidades como grupos sociais. E, estes, exatamente por serem marginalizados pela sociedade, tiveram seus vocabulários banalizados também.

2.3 A Tradução

A gíria, sendo um assunto pouco estudado e trabalhado por pesquisadores, faz com que a tradução delas também seja escassa. Nesse ponto, Berman (2007, p. 31) cita, em no livro *A Tradução e a Letra*, uma frase de São Jerônimo que diz para não traduzir uma palavra a partir de outra palavra, mas o sentido a partir do sentido, ou seja, devemos analisar a mensagem que a palavra quer passar, para que, então, possamos traduzir. E desse modo, podemos traduzir o sentido literal, que seria o mais aproximado sentido semântico da palavra. Por essa razão, as gírias são expressões específicas, isto é, a melhor forma de se traduzi-la seria pelo seu sentido e não o significado literal.

Nessa perspectiva, o pensamento de Bordenave (2012, p. 2) afirma que um tradutor, especialmente, de obras literárias, não excluindo os outros, sabe que a sua matéria-prima é moldada pela ideologia. Por isso, que os tradutores quando envolvem a estrutura linguística eram cientes das variáveis sociais, históricas e ideológicas que determinavam o significado do texto.

Ainda no posicionamento de Bordenave, podemos afirmar que, para se traduzir, devermos considerar o contexto em que a obra foi escrita e a ideologia que a cerca, que não só a vivência do escritor, mas do tradutor pode influenciar em sua tradução de acordo com sua visão, assim, compreendendo suas peculiaridades de acordo com o contexto em que foi escrito podemos identifica-

las e traduzi-las da melhor forma, respeitando sua origem e todo o contexto que carrega.

Com base nisso, é válido considerar a observação de Bordenave (2012, p. 3) em que se deparando com as situações envolvendo ideologias o tradutor tem duas opções, a seguir.

- Optar por fazer uma tradução mais ou menos literal, aproximando-se da sua obra original e, ao não comunicar eficazmente a mensagem aos seus leitores, trai o principal objetivo dos seus trabalhos;
- Optar por interpretar a mensagem original com uma ótica da sua comunidade linguística, cultural e ideológica sendo o resultado um trabalho de adaptação. Dessa forma, a Fidelidade se torna distante e ainda mais relativa.

Por essas opções, vemos que o tradutor tem dois caminhos que, ambos influenciados pela ideologia, em que um escolhe adaptá-la a língua que irá recebê-la, e outro escolhe traduzi-la para que fique subentendido de cada leitor suas interpretações. Porém é importante atentar que, como afirma Berman (2007, p. 33) deve-se traduzir a obra estrangeira de maneira que não se ‘perceba a tradução, deve-se, também, traduzi-la de maneira a dar a impressão de que é isso que o autor teria escrito se ele tivesse na língua para qual se traduz.

Ao traduzir uma obra sem ao menos tentar compreender seu contexto e os ideais que influenciaram o autor, o processo será incompleto, pois não será totalmente aproximado dos fatores que influenciaram o escritor, logo não conseguirá passar a impressão que, se o autor estivesse escrito na língua que recebeu o texto, não seria da forma apresentada. Por esse motivo, avaliar a ideologia apresentada no texto é de extrema importância.

Ainda se acrescenta, que a tradução deve ser o mais natural possível e o mais próximo do seu significado, como explanado anteriormente, deve-se traduzir os sentidos. Dessa maneira, a tradução feita de forma clara, faz-se parecer que, se o autor fosse escrever na língua alvo, escolheria as mesmas palavras que o tradutor usou, fugindo, assim da tradução palavra por palavra.

E não somente a maioria das traduções, a sua operação, desvia-se de tal relação, mas a maioria das teorias da tradução que se constrói a partir dessa

operação, a rege, a justifica ou a sanciona, condena o que elas denominam com desdém “palavra por palavra”, “literalismo” (PRETI. 2007, p.25) .

O método- palavra por palavra- pode deixar textos ou expressões com significados diferentes ou sem sentido quando traduzidos. Isso ocorre em traduções literárias, quando as expressões usadas são, por vezes, regionais ou relacionadas a algo de determinado grupo social, caso sejam traduzidos literalmente, porém não fariam sentido.

Para colaborar com o assunto, Coulthhand (1991, p. 11) relata as consequências da tradução de cada palavra são as seguintes:

- 1- Frequentemente há uma palavra que, para todos os efeitos tem, a mesma amplitude de referências na outra língua;
- 2- Haverá muitos casos, no entanto, em que, uma palavra terá mais de um equivalente;
- 3- Existirão casos em que duas ou mais palavras compartilharão o mesmo equivalente;
- 4- Haverá casos em que não existirá nenhum, equivalente na outra língua;

Como o observado acima, a tradução desta forma pode trazer inúmeras dúvidas, como muitas outras formas também, porém como traduzir uma palavra de modo literal se, na língua alvo pode nem se quer existir uma palavra equivalente semanticamente para ela? São problemáticas a se analisar.

É importante lembrar que quando uma tradução é feita de uma cultura para outra, não se está apenas se traduzindo palavras, como diz Cronin (2006, p. 54), pois a língua por si só se torna uma representação metonímica de cultura como um todo (tradução nossa)⁶. Então, quando se traduz um texto de uma língua para outra também se traduz toda uma cultura envolvendo aquele texto em questão e suas particularidades.

Outro ponto a ser frisado, sobre a tradução é analisar todos os fatores que, além da cultura, podem distanciar as línguas, ou seja, Simon (2005 p. 32) diz que os puxões contraditórios de diferentes pressões ideológicas também pode ser um problema na tradução que são historicamente, tanto quanto culturalmente,

⁶ “*Language itself becomes a metonymic representation of the culture as a whole. To truly understand the language is to fully know the culture*” (Cronin, 2006, p. 54).

distantes (tradução nossa)⁷. Logo, quando estamos vendo os pontos e problemas sobre tradução devemos também mencionar que a ideologia, que pode mudar de acordo com o país de determinada língua, que pode interferir, também, na tradução. O referido autor também acrescenta que as posições dos tradutores, talvez sejam mapeadas explicitamente demais em relação ao entendimento histórico e contemporâneo das diferenças culturais (tradução nossa)⁸. Então a posição do tradutor e seu conhecimento sobre as diferenças culturais pode, dessa forma, influenciar quando se trata de traduções. E como já vimos anteriormente, gírias fazem parte da cultura das regiões, logo para traduzi-las precisamos do conhecimento sobre as diferenças culturais contemporâneas.

A seguir, é apresentada a metodologia utilizada para que fosse possível analisar o *corpus*.

⁷ “The contradictory pulls of different ideological pressures can also be a problem in translating texts which are historically, as well as culturally, distant” (SIMON, 2005, p. 32).

⁸ “The positions of the translators are mapped out perhaps only too explicitly in relation to both historical and contemporary understandings of cultural difference” (SIMON, 2005, p. 32).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Nessa seção será apresentada o método de pesquisa, que foi o comparativo. Foi realizada, inicialmente, uma pesquisa em relação as gírias da comunidade LGBTQIA+ que foram comparadas em inglês e em português para que fossem analisados os fatores que as aproximam ou distanciam.

Dessa forma, o trabalho possui natureza qualitativa, pois foi observado como as gírias se comportam e surgem nos grupos sociais em línguas distintas.

Quanto aos objetivos, a pesquisa realizada é do tipo analítica, já que as situações e os fatores relacionados às gírias usadas por grupos sociais foram coletadas e descritos os fatores ou fenômenos que fazem com que essas gírias e seus sentidos se aproximem, ou não, da língua portuguesa, podendo ser causa de fatores naturais ou não. Essa investigação também é uma pesquisa descritiva, pois buscou descrever os fatores que podem aproximar ou distanciar as gírias coletadas.

Sobre a metodologia usada nesse trabalho é de natureza documental, porque a coleta de dados foi colhida a partir de um seriado contendo as gírias usadas pelo grupo LGBTQIA+ (grupo social selecionado para a pesquisa), e também suas traduções, para que os sentidos sejam trabalhados, e, assim, analisados a proximidade das gírias nas diferentes línguas e a fim de identificar os fatores que podem distanciar ou aproximar as gírias.

3.2 População

A população dessa investigação é formada por quinze gírias diferentes utilizadas na comunidade LGBT.

3.3 Amostra

Nessa seção, foram utilizadas 15 gírias da comunidade LGBT para analisar os fatores que aproximam ou distanciam os sentidos das gírias na língua portuguesa e inglesa.

3.4 Técnica de Coleta de Dados

Nessa parte, a coleta de dados foi feita se utilizando da técnica de observação direta do *reality show Queer As Folk*, analisando a realidade do grupo social e a forma como as gírias se encaixam naquele meio.

Em seguida, apresentou-se, os dados coletados que formam o *corpus* da pesquisa, de forma separada, seguidos por suas etimologias.

4 ANÁLISE DE CORPUS

Nesta seção, a análise se deu por meio de coletas de dados usando o *corpus* da série *Queer as Folk* - série americana dos anos 2000 que conta a história de um grupo de amigos, sendo quatro gays e duas lésbicas, em que eles vivenciam situações do cotidiano e que, durante a série, passam momentos decorrentes da vivência dos personagens como LGBT.

Durante a análise, foram recolhidas quinze gírias em inglês, da mesma forma, foram coletadas as traduções usadas em português pelos tradutores da própria série. Também foi registrado o fragmento de frase em que foi retirada a gíria, para que possa existir um entendimento do contexto em que a gíria foi usada e o número do episódio e da temporada em que a ela aparece, para se ter um registro mais detalhado do objeto de estudo, formando assim a tabela para o *corpus*.

Em seguida, a análise das gírias foi feita por meio da observação de suas possíveis origens e como ela surgiu dentro da comunidade criada, seus significados e também o contexto que é usada atualmente, assim como foi na série *Queer as folk*. Mais adiante, foram pesquisadas gírias brasileiras com seus significados e, assim analisada se a tradução usada pela série seria a mais adequada de acordo com o que a palavra significa, e se na série a gíria utilizada pela comunidade LGBT seria a mais próxima do significado em relação as gírias LGBTQIA+ utilizadas no português brasileiro. Observe o seguinte exemplo:

TABELA 1

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Número do episódio.
Campy	afeminado	"Emmett can be a little <u>campy</u> "	1º Episódio 1º Temporada

Fonte: pesquisadora

Segundo o *site* de podcast A Way With Words (2017) A palavra *campy* era usada para descrever filmes, teatro ou um estilo exagerado de criatividade ou expressões. Esta era primeiramente usada no underground da comunidade gay, e pode ter sido originada do verbo em francês *se camper* que significa "fazer pose" (tradução nossa)⁹, se *campy* for realmente uma gíria vinda do francês, teríamos uma palavra que é uma aquisição de outra língua. Porém, segundo Rinder (2005, p. 60) a primeira aparição da gíria que está registrada com esse significado é no trabalho de Susan Sontag que escreveu em 1964 "*Camp* é um certo modo de esteticismo. É um modo de ver um mundo como um fenômeno estético". Deste modo, o jeito *camp*, não é em termos de beleza, mas em termos de graus de estilização (tradução nossa)¹⁰ o A Way With Words (2017), foi o trabalho que tirou a gíria apenas da comunidade gay e a apresentou para a sociedade em geral. Sontag, então, continua explicando que, *Camp* é uma visão sobre o mundo em termos de estilo – mas um termo particular de estilo. É o amor pelo exagerado, o brega, o coisas-sendo-o-que-elas-não-são (tradução nossa)¹¹.

Levando em consideração a descrição do termo feita por Sontag podemos afirmar que, originalmente a gíria *campy/camp* nasceu do âmbito artístico, como um movimento, uma forma exagerada de se expressar que inclusive era e ainda é seguido por diversos artistas. Pode-se levar em consideração que, observando a

⁹ "The noun *camp* and the adjective *campy* refer to movies, theater, or a style or an exaggerated manner of creative or personal expression that combines high and low elements of culture. These terms were first used in the underground gay community, and may have originated from French *se camper*, which means to strike a pose" (BARRETT, 2017).

¹⁰ *Camp* is a certain mode of aestheticism. It is one way of seeing the world as an aesthetic phenomenon. That way, the way of *Camp*, is not in terms of beauty, but in terms of degree of artifice, of stylization" (Sontag, 1964, p. 2).

¹¹ *Camp* is a vision of the world in terms of style – but a particular kind of style. It is the love of being exaggerated, the "off", of things-being-what-they-are-not (SONTAG, 1964, p. 3).

época em que foi popularizada, essa gíria sobreviveu por um longo período, e, claramente obteve outros significados a mais ao passar do tempo.

Essa definição se confirma por Richard A. Spears (2000 p. 65) e, em seu dicionário de *NTC's Dictionary of American Slangs and Colloquial Expressions* que define *campy* como: *over-done, out-of-fashion and intriguing*. Segundo essas definições e suas origens podem ver que a gíria sempre se referiu a algo considerado exagerado, porém como se encaixa como gíria Queer? Segundo Spears (2000 p. 65) também em seu dicionário sobre gírias ele define *campy* como *having to do with homosexual persons and matters*. Então, não só é uma gíria usada para algo chamativo, também é uma gíria usada para homossexuais que tem um comportamento mais extravagante.

Entretanto, quando que *campy* passou de um estilo extravagante usado na década de 60, para uma gíria relacionada a comunidade LGBTQIA+? De acordo com Sontag (1964, p. 12) *campy* passou a ser associada a comunidade, pois apesar de nem todos que aderiram na época o estilo *camp* eram homossexuais, toda via grande parte fazia parte da comunidade, e eles, por um grande número, constituíam a vanguarda da época (tradução nossa)¹². Sontag acrescenta que os homossexuais fixaram sua integração na sociedade por meio da promoção de um senso estético, segundo ela, *camp* é um solvente a moralidade (tradução nossa)¹³.

Apesar de termos uma palavra que, como a tradução da série usou, para *campy* no português que seria afeminado, a palavra em questão não traz toda a carga etimológica de *campy* carrega, já que estamos analisando uma gíria que carrega uma história associada não apenas com a comunidade LGBTQIA+, mas também, com um movimento artístico. Enfim, afeminado é usado não só como dialeto LGBT no Brasil e a palavra usada em questão no Brasil, provavelmente, não seria conhecida por todos os espectadores da série.

Por essa causa, a tradução mais próxima das usadas diariamente pela comunidade LGBTQIA+ segundo as existentes do portal *Iblogay* (2013) não seria “afeminado” e sim *poc* que significa exatamente a mesma coisa, mas faz

¹² So, not all homosexuals have camp taste. Bu homosexuals, by and large, constitute the vanguard – and the most articulate audience – of Camp (SONTAG, 1964 p. 12).

¹³ Homosexuals have pinned their integrity into society on promoting an aesthetic sense. Camp is a solvent of morality (SONTAG, 1964, p. 12).

referência ao barulho do salto no chão. Durante a série foi usado a tradução obliqua de equivalência, sendo que, nesse caso a melhor forma de tradução seria por adaptação, procurando assim a palavra mais próxima existente naquela comunidade na língua-alvo, logo não foi procurado uma palavra existente no dialeto LGBT brasileiro que pudesse ser usada para se traduzir o termo, assim aproximando a gíria em inglês da usada informalmente em português.

Dessa forma, analisando a origem de ambas as gírias, vemos que, apesar de existirem tanto em português quanto em inglês uma palavra que descreve algo “afeminado”, porém, apesar de estarem presentes em ambas as línguas podemos observar que apesar de suas origens serem diferentes, as gírias são originadas de algo relacionado com vestuário, ambas surgiram da identificação dos homossexuais afeminados com peças do vestuário estereotipadas como algo mais feminino. No caso do inglês, *campy* começou por ser associado a uma marca extravagante, já no português, temos a associação com a onomatopeia do salto alto. Observe agora a próxima palavra:

TABELA 2

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Twink	Garotinhos	"If you want <u>twinkies</u> go to BoyToy"	1º Episódio 1º Temporada

Fonte: a autora

Segundo Richard A. Spears (2000, P. 446) *Spears* em seu dicionário de gírias, foi encontrado *twinkie*, porém descrevendo uma jovem e bonita jovem (tradução nossa)¹⁴, referindo-se às meninas, desta forma, podemos nos perguntar como que *twink* se tornou uma gíria LGBTQIA+ em inglês. Para isso também, devemos analisar a etimologia, pois como no exemplo passado, a gíria pode ter começado a comunidade e, após um tempo apresentada a sociedade em geral.

De acordo com o *Online Etymology Dictionary*, a primeira aparição da palavra *Twink* como "pessoa jovem atrativa" foi em 1963, e se compara com uma gíria homossexual inglesa de mesmo significado que se escreve *Twank* (tradução nossa)¹⁵. No canal Them (2017 – atualmente), trabalha-se com gírias da comunidade LGBTQIA+ e suas origens, em um dos vídeos específicos sobre *twinks* é mencionado que aproximadamente 100 anos atrás ela não era a gíria utilizada, e sim *twank*, para se referir a o que hoje em dia é chamado de "*sugar daddy*". Segundo Spears (2000, p. 411) *sugar daddy* é um homem mais velho que cuida de alguém mais novo, homem ou mulher¹⁶. Outra possível origem segundo o Canal Them (2017), é que *twink* tenha vindo de *twinkling* que pode significar algo brilhante ou novo.

Continuando, a gíria utilizada se tratando de homens novos e bonitos. Na série a gíria é traduzida como "garotinhos". Foi-se usada para se traduzir essa palavra a tradução oblíqua de equivalência, pois realmente se trata de garotos novos, porém, na linguagem LGBT brasileira não foi encontrada uma gíria referente apenas a garotos novos e atraentes apenas relacionado a pessoas

¹⁴ *twinkie* ["tWINKi] n. a cute, teenage girl (SPEAR, 2000, p. 446).

¹⁵ "Meaning "a twinkle" is from 1830. Meaning "young sexually attractive person" is recorded from 1963, probably from *Twinkie*; but compare 1920s-30s British homosexual slang *twank* in a similar sense." (HARPER, 2021).

¹⁶ "An older man who takes care of a younger person, especially a young man or woman" (SPEARS, 2000, p. 441).

atraentes, podendo ser realmente traduzida por “garotinhos” já que se trata de homens mais jovens.

Em síntese, ao comparamos esta gíria em questão, vemos que ela existe no inglês há um tempo, porém não exista uma palavra que possamos ligar ao português com o mesmo peso semântico. Nesse caso, as situações de proximidades não foram influentes o suficiente para que uma gíria com o mesmo significado surgisse no Brasil. Logo, apesar da gíria ser originada do mesmo grupo não surgiu também em outro idioma, causando desde modo uma situação em que, traduzindo-a não será capaz de repassar o real sentido em que a palavra foi criada ou que significa em sua língua de origem. Enfim, traduzindo de forma literal, pelo que ela realmente significa, não a substituindo por uma gíria em português que não a abrange seria certamente a melhor solução para evitar a falta de interpretação. Analisaremos agora a próxima gíria.

TABELA 3

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Butch	Sapatão	" 'Gus' is a good <i>butch</i> name"	1º Episódio 1º Temporada

Fonte: A autora

Em *NTC's Dictionary of American Slangs and Colloquial Expressions*. Richard A. Spears (2000, P. 61) define *butch* como: viril e masculino (em um contexto homossexual) (tradução nossa)¹⁷. Nessa definição, o autor deixa claro que quando alguém se refere a outra pessoa como masculina é em contexto relacionado à sexualidade, não apenas qualquer pessoa masculina, mas mulheres lésbicas com perfil masculino. Aqui já vemos a criação de uma gíria de dentro da comunidade, pois se reflete a sexualidade das mulheres.

De acordo com Teresa Theophano (2015, p. 1) em seu artigo, a palavra tem origem no começo do século XX em conjunto com o termo *femme* para diferenciar a identidade emocional e sexual de mulheres lésbicas, sendo *butch* as mulheres "masculinas" e *femme* as mulheres femininas (tradução minha)¹⁸. Segundo Theophano (2015, p. 1) nos anos 60, *butches* eram fáceis de reconhecer, pois eram as mulheres que usavam roupas masculinas. *Butches* foram identificadas nos Estados Unidos desde a década de 20 e eram mais encontradas em bares e sendo parte da classe trabalhadora da época (tradução nossa)¹⁹. Vemos então que a gíria foi criada baseada totalmente em um estereótipo de vestuário das mulheres lésbicas da época. As mulheres identificadas como *butches*, também eram associadas ao masculino, porque como mencionado, faziam parte da classe trabalhadora e algumas participavam respectivamente de trabalhos denominados masculinos. Então, não apenas a

¹⁷ *Virile and masculine (in a homosexual content)* (SPEARS, 2000, p. 61).

¹⁸ *Butch and femme emerged in the early twentieth century as a set of sexual and emotional identities among lesbians. One might say that butches exhibit traditionally "masculine" traits while femmes embody "feminine" ones* (THEOPHANO, 2015, p.1).

¹⁹ *'During the period of the 1940s through the early 1960s, butches and femmes were easiest to recognize and characterize: butches with their men's clothing, and suave manners often found their more traditionally styled femme counterparts, in the gay bars. [...] It is the mid-century working-class and bar culture that most clearly illustrate the archetypal butch-femme dynamic'* (THEOPHANO, 2015, p.1).

gíria é relacionada com questões de sexualidade e gênero, mas de classe também.

Nesse sentido, Theophano (2015, p.1) também diz que a dinâmica *butch - femme* era muito comum para casais lésbicos, contudo durante a década de 60, com a disseminação do movimento feminista essa dinâmica foi tida como politicamente incorreta, pois reproduzia estereótipos heteronormativos (tradução nossa)²⁰. Ou seja, foi-se discutida a ideia de que essa relação apresentava como correta relacionamentos baseados no feminino com masculino quando, na verdade, esse meio de identificação não deveria ser uma regra, mas para as mulheres da época, dessa forma elas conseguiam identificar uma forma de se expressar.

No caso a gíria usada para traduzir *butch* para o português foi criada segundo Erick Krominski (2017) por volta da década de 80 quando mulheres lésbicas começaram a usar sapatos masculinos, por não terem interesse em um estilo mais feminino, mas que levou-as a usarem sapatos maiores, na época os únicos sapatos menos femininos eram de homens. E assim, surgiu o termo sapatão.

Dessa forma, podemos interpretar o termo como uma forma de mulheres lésbicas não só manifestarem suas identidades, mas uma tentativa de se desvincularem do padrão heterossexual de conduta imposto a elas por vários meios, inclusive do vestuário. Nesse caso, a gíria em si não surgiu da necessidade de se diferenciar em um relacionamento. No Brasil, ela foi criada com intuito de reivindicar seus espaços e ir contra todo um sistema opressor ideológico da época.

Vemos que, segundo suas respectivas origens, ambas as gírias surgiram em uma época em que mulheres lésbicas procuravam suas identidades e foram associadas com características masculinas, por decidirem fugir a regra de conduta de vestuário de mulheres da época. Porém, enquanto uma foi criada para que pudessem diferenciar casais lésbicos, porque na época acreditava-se que era

²⁰ "But later twentieth-century identity politics, linked closely to the lesbian feminist movement beginning in the early 1970s, dismissed butch-femme culture as politically incorrect. Many lesbians of this era critiqued butch-femme as capitulation to oppressive patriarchal standard" (THEOPHANO, 2015, p. 1).

necessário de uma das partes agir e se vestir de uma forma mais masculina, um contexto que após alguns anos foi criticado e descartado, a outra não.

Nessa linha, a origem da gíria no Brasil foi dada, pois as mulheres lésbicas da época não queriam se associar a feminilidade, não necessariamente, a origem foi criada por conta de estereótipos de relacionamentos heteronormativos impostos a mulheres lésbicas, ou seja, a gíria brasileira usada para se traduzir *butch* também foi popularizada na década de 80.

De acordo com o site Um Outro Olhar (2012) o termo sapatão ficou conhecido de uma foi popularizado após o lançamento da marchinha de carnaval composta por José Roberto Kelly e cantada por Chacrinha, divulgada no programa Discoteca do Chacrinha, a música foi o maior sucesso do carnaval no ano de 1981, vale lembrar que, tanto a gíria quanto a marchinhas eram usadas, e ainda são de forma pejorativa diante mulheres lésbicas em que ele diz “Maria Sapatão/Sapatão Sapatão/De dia é Maria/De noite é João” (CHACRINHA, 1981). Vale salientar que simultaneamente, nos EUA, as mulheres lésbicas estavam ressignificando sua interpretação sobre *butch* e seus estereótipos, pois sofriam o mesmo preconceito em relação a suas vestimentas.

Nesse caso, pode-se afirmar que, ambos os termos definem a mesma situação – a rejeição a feminilidade e aos estereótipos femininos – Tanto *butch* como sapatão vieram e foram criadas em um contexto em que as mulheres lésbicas estavam buscando formas de resistência a um estereótipo feminino não só patriarcal como heteronormativo. Enquanto nos Estados Unidos se referia a todo o vestuário, no Brasil o foco surgiu mais no calçado, importante que seja analisado também que, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, as mulheres a quem eram referidas as gírias eram mulheres da classe trabalhadora, como mencionado acima, isso também mostra que, em ambas, a luta andou por ter sua sexualidade validada também andou junto à luta de classes. Concluimos assim, que ambas as gírias contêm o mesmo significado, partem da mesma origem e tem um significado semântico próximo quando se trata de suas traduções.

Em se tratando dos métodos de tradução, pode-se observar também que ambas as palavras partiram de origens e situações também semelhantes com grande influência dos estereótipos e também das ferramentas de resistência utilizadas na época. Pode-se identificar que se foi utilizada a equivalência para se

traduzir *butch*, pois não foi usada uma tradução literal, mas algo equivalente que traduzia o seu significado, no caso, significados bem próximos. Em seguida, analisaremos o próximo vocábulo.

TABELA 4

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
<i>Fag</i>	Viado	"we've seen you, <i>fag!</i> "	1º Episódio 1º Temporada

Fonte: a autora

De acordo com o Dicionário Oxford on-line (2018) *fag* (forma abreviada de *faggot*) é uma gíria originalmente norte-americana usada muitas vezes de forma ofensiva para descrever um homem homossexual ou afeminado. A primeira vez que a palavra foi documentada, pela primeira vez, no século XX. Segundo o dicionário, uma das primeiras aparições foi em um livro de 1914, chamado: *A Vocabulary of Criminal Slangs*. Essa definição também é sustentada por Spears (2000, p. 132) em seu dicionário de gírias coloquiais da língua inglesa que diz que *fag* é uma gíria rude e pejorativa se referindo a homossexuais.

Vendo de uma forma mais aprofundada na origem desta gíria Harper (2001) diz no *site* sobre etimologia que uma das origens, provavelmente, veio de um tempo conturbado relacionado à mulher, especificamente, as mais velhas e consideradas "não agradáveis" em referência a chamá-las de "trouxa de gravetos" ou algo estranho que precisa ser carregado, essa referencia se dá, pois a palavra *faggot* também pode ter vindo do italiano *fagotto*, que significa exatamente "trouxa de gravetos"(tradução nossa)²¹. Seguindo essa linha de pensamento, Harper cita que a explicação para que homens homossexuais fossem chamados de *faggot* tem intencionalmente como origem, o significado vindo da língua italiana, pois eles eram queimados em um pedaço de madeira em lendas urbanas antigas, quando queimar algo era usado como método de punição em uma Europa cristã (tradução nossa)²².

Dessa forma, a definição também é sustentada pelo *site* Oxford English Dictionary (2018) que cita *faggots* como algo usado para se queimar pessoas vivas consideradas hereges (tradução nossa)²³. Logo em seguida, o dicionário traz como exemplo a frase "*to fry a faggot*" que significa ser queimado vivo por

²¹ "male homosexual," 1914, *American English slang*, probably from earlier contemptuous term for "woman" (1590s), especially an old and unpleasant one, in reference to faggot (n.1) "bundle of sticks," as something awkward that has to be carried" (HARPER, 2001).

²² "The explanation that male homosexuals were called faggots because they were burned at the stake as punishment is an etymological urban legend. Burning sometimes was a punishment meted out to homosexuals in Christian Europe" (HARPER, 2001).

²³ A faggot, used in the burning alive of people regarded as heretics (OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2018).

heresia (tradução nossa)²⁴. Segundo ele, a primeira aparição do termo com esse significado foi no ano de 1554 em uma peça da época chamada *Dialogue or Familiar Talke betwene Two Neighbours*. Por isso, podemos perceber que tal gíria nasceu não só de uma forma ofensiva de se relacionar a homens homossexuais, mas de uma forma violenta e abusiva, associando a homossexualidade a pecado com punição de morte. Hoje em dia, a gíria continua a ser vista como pejorativa e uma palavra censurada.

Já na tradução para o português, foi-se usada a gíria “viado”, esta é usada normalmente de forma também pejorativa em muitas ocasiões, porém pode variar de acordo com a região em que vivem, pois algumas regiões do Brasil a tem como gíria comum, logo não é vista como ofensiva dependendo da situação em que é dita. De acordo com o Professor Maurício Berbanti apud. Laura Cittadin (2018, p 5) os veados possuem uma maior delicadeza, timidez e suavidade, e isso faz com que as pessoas acabem associando ao homem homossexual, que supostamente apresenta tais características.

Além dessa definição, também é citado no livro Dicionário Brasileiro de Insultos a seguinte colocação:

Mamífero da família dos cervídeos quase sempre tímido e veloz. Vive em bandos. Usa-se no Brasil, com muita frequência para insultar a vítima, identificando-a como homossexual masculino. Dizem que nos tempos do Império, em praças, provavelmente cariocas, rapazes reuniam-se alegremente, formando bando de afinidades, para, entre outros objetivos, dar atendimento a clientes ricos em busca de aventuras sexuais. Quando a polícia, que nunca foi amiga dos veados, aproximava-se para coibir a caça, eles saíam correndo, aos saltos, como fazem os cervídeos. Disso resultou a criação do alcunha que se fixou como um dos mais populares do Brasil (ARANHA, 2002, p. 352).

Em ambas definições, vemos que a palavra veado foi associada aos homossexuais por estereótipos, comparando-os com o animal por ser saltitante ou andar em grupos, e que foi usada como forma pejorativa por membros da sociedade. Segundo o portal Iblogay (2013) que, como no dialeto LGBT em inglês, são palavras utilizadas apenas dentro da comunidade por seus membros.

²⁴ *to fry a faggot: to be burnt alive for heresy* (OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2018).

Analisando ambos os significados e suas origens, podemos perceber que elas tem uma origem etimológica diferente, enquanto *faggot* surgiu de uma história de violência e opressão, tendo como origem uma palavra que significa gravetos, usados no fogo, veado tem como origem os trejeitos conscientemente comparados com os do animal, talvez, possamos fazer um *link* entre um e outro, ligando a violência das queimadas com *faggot*, e a violência policial citada por Aranha, da qual fazia com que eles precisassem correr e fugir. Porém, mesmo com essa conexão entre elas, *faggot*, possui uma origem mais antiga e mais violenta que sua tradução no português.

Por fim, analisando o método de tradução, vemos que em relação à *faggot* também se foi usado um método de tradução por equivalência, como mencionado acima apesar de origens totalmente diferentes, se foi usado também uma gíria do português, popularmente conhecida para se traduzir, sendo a que aproximadamente se equipara da gíria na língua de origem. Em seguida, vamos ao próximo.

TABELA 5

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Bulldagga	Sapatão	'why? With all those bulldaggas...'	3º Episódio 1º Temporada

Fonte: a autora

Segundo Regina V. Jones (2012, p. 1) o termo *Bulldagga* ou *bulldagger* era usado para se referir a mulheres negras com estereótipos masculinos. A gíria surgiu nos anos 20 e 30, esse termo é associado com força física e relacionado também a mulheres que demonstravam pouco suas emoções (tradução nossa)²⁵. Esse vocábulo não era considerado ofensivo no tempo e era usado principalmente nas comunidades negras dos Estados Unidos para se referir as mulheres lésbicas. Logo, a gíria não se trata apenas da comunidade LGBTQIA+, mas, também inclui a Comunidade Negra dos Estados Unidos. Jones (2012, p. 1) acrescenta que ela tem raízes da cultura afro-americana no começo do século XX, em que a sexualidade e o gênero eram mais flexíveis (tradução nossa)²⁶. De acordo com Jones (2012, p. 1) a discussão sobre gênero e preferências sexuais dos artistas mais novos da Renascença Harlem - nas décadas de 20 e 30 – desafiaram as percepções heteronormativas da elite²⁷.

Ainda no mesmo artigo, Jones cita que de acordo com Joanne Fray, quem participava da comunidade gay em Harlem e era negro, era considerado *Bulldagger* ou *Faggot* (tabela 4), ela cita que apenas as pessoas brancas eram chamadas de “lésbicas” ou “homossexuais” (tradução nossa)²⁸. Garber apud. Jones, 1989, 331.

Hoje em dia a gíria continua sendo utilizada para se referir a mulheres lésbicas masculinizadas ou com um porte físico forte e cabelo curto, ou seja, usada para estereótipos masculinos. Na sua tradução foi utilizada a palavra

²⁵ . The colloquial term used for some Negro, masculine, women was *bulldagger*. At that time “*bulldagger*” was not a pejorative term in the Black community; they “...are associated with physical strength, sexual prowess, emotional reserve (JONES, 2012, p. 1).

²⁶ .The term has roots in African-American communities of the early twentieth century, especially with the 1920s Harlem where sexual and gender mores were more flexible” (JONES, 2012, p. 1).

²⁷ During the last twenty to thirty years discussions about the gender and sexual preferences of the younger talented tenth of the Harlem Renaissance— 1924 to early 1930s—artists, performers, writers, and singers, have challenged the heteronormal perception of this elite group (JONES, 2012, p. 1).

²⁸“ There were many places in Harlem run by and for Black Lesbians and Gay Men, when we were still *Bull Daggers* and *Faggots* and only whites were lesbians and homosexuals” (GARBER apud JONES, 1989, 331).

“sapatão” para traduzir no português e também para mulheres masculinizada, isto é, uma tradução oblíqua de equivalência.

Como vimos na Tabela 2 (p. 26) segundo Erick Krominski (2017) a gíria usada para se traduzir *bulldagga*- sapatão- foi criada por volta da década de 80 quando mulheres lésbicas começaram a usar sapatos masculinos, por não terem interesse em um estilo mais feminino, mas que as levou a usarem sapatos maiores, pois, na época, os únicos sapatos menos femininos eram de homens. E, também, essa gíria foi usada para *butch*, entretanto comparando as traduções e origens tanto de *butch* quanto de *bulldagga*, vemos que ambas surgiram de vivências diferentes, logo são usadas em situações diferentes, por que se ambas são diferentes, seria justo que elas adquiram no processo de tradução uma mesma palavra?

Ademais, no caso de *bulldagga*, envolve não somente a questão da sexualidade da mulher lésbica, mas a questão de raça a partir do momento em que ela passa a ser usada apenas para mulheres negras e classe, porque a gíria também surgiu nas periferias é adquirida no processo de criação da gíria, enquanto a sua tradução em português se refere a sexualidade e resistência através do vestuário.

De fato, a tradução usada no português não conseguiria abranger toda a questão racial envolvida em *bulldagga*. Atualmente, não temos uma palavra no Brasil que contém um significado igual se levarmos em consideração a origem, seu peso semântico e o grupo em que essa palavra é empregada, já que gírias como “sapatão” são usadas tanto para mulheres brancas quanto para negras ela não consegue se igualar ao peso semântico de *bulldagga*

É inegável, que o peso semântico de desse vocábulo vai além da tradução empregada no português, e que, no nosso idioma, não temos uma gíria equivalente, pois além da questão envolvendo estereótipos lésbicos também temos a relação de raça empregada na palavra, já que, na época era utilizada apenas se tratando de mulheres lésbicas negras. E, nos aprofundando na relação de raça vemos como mulheres negras lésbicas não eram tratadas da mesma forma que mulheres brancas, tendo em vista que, a forma que se direcionavam a mulheres lésbicas negras e brancas era diferente.

Por fim, tratando-se do método de tradução, podemos identificar que foram usados dois. Em um primeiro plano, vemos a questão da adaptação, pois se trata de uma gíria que não existe na língua portuguesa, afinal envolve não apenas a orientação sexual, mas a questão racial associada a ela, então, trata-se de uma gíria que não existe na realidade da língua de tradução. Também podemos identificar que para que fosse feito a adaptação, também foi necessário usar o método de equivalência, analisando qual gíria do português se aproximaria do significado de *bulldagga*. No quadro a seguir, há o próximo vocábulo.

TABELA 6

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Doofus	Estúpido	"he was a real doofus"	2º Episódio 1º Temporada

Fonte: pesquisadora

Segundo Richard Spears (2000, p. 115) escritor do dicionário de gírias americanas, *doofus* ou *duffis* significa "idiota" ou "nerd" (tradução nossa)²⁹. Segundo o *On-line Etymology Dictionary* (2021), é uma gíria popular dos anos de 1960, criada por estudantes e pode ser relacionada com doo – doo, onomatopeia que as pessoas costumam fazer quando se referem a alguém como "doido" ou "burro" (tradução nossa).³⁰

Nesse sentido, a origem da palavra burro no Brasil, porém no sentido de alguém ignorante ou é teimoso, segundo Vercesi (2018) na matéria da Revista Abril, a palavra começou a ser associada dessa forma por volta dos anos 600 a.C. Dessarte, em histórias, as pessoas já associavam o burro a um animal teimoso, bobo e ignorante. Nessa linha, Vercesi (2018) também acrescenta que burro começou a aparecer como sinônimo de estupidez no século II, na obra *O Asno de Ouro* em que o Autor Lucius Apuleius cita a expressão *asinina cogitatio* ("raciocínio de burro", em latim) e que, na língua portuguesa surgiu no século XII com o termo burrico.

Em seguida, a gíria utilizada para "estúpido" ou "burro". Durante a série a gíria foi utilizada para se referir a alguém que não sabe fazer nada. Ambas a gírias, apesar de terem origens diferentes, já que uma vem de uma onomatopeia e outra de características associadas a um animal, refletem o mesmo pensamento, e significado.

Já em relação ao método de tradução usado para *doofus*, podemos também, identificar dois métodos usados: equivalência e transposição. Primeiro que se trata de uma gíria de equivalência, já que se foi usada uma palavra que além de não ser uma gíria e que se aproxima do significado da língua origem e que pode ser compreendida por quem irá assistir a série eventualmente. Também podemos identificar, o método de transposição que consiste em mudar a

²⁹ *Us and duffis n. a jerk; nerd* (SPEARS, 2000, p. 115).

³⁰ *Student slang, "dolt, idiot, nerd," by 1960s. probably related to doo-doo and goofus* (HARPER, 2021).

categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a ser traduzido. (Coulthard, 1991, p. 66). Em continuidade, segue-se a próxima gíria.

TABELA 7

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Hunk	atraente	“pick up some hot hunk guy”	3º Episódio 1º Temporada

Fonte: pesquisadora

De acordo com o dicionário de gírias de Richard Spears (2000, p. 215) *hunk* é utilizado para se referir a um homem forte e atraente sexualmente (tradução nossa)³¹. E segundo Harper (2020) em seu site *Online Etymology Dictionary* a primeira aparição registrada da gíria se deu em 1945 e segundo o dicionário é supostamente uma gíria vindo do inglês australiano, a palavra foi adaptada da palavra *hump* (tradução nossa)³².

Acrescenta também Harper (2020), em seu site que, no inglês, *hump* também é um verbo, que significa praticar um ato sexual com alguém. Dessa forma, foi atestado como verbo usando este significado por volta de 1785 (tradução nossa)³³. A gíria, no caso, vindo do inglês australiano, é usada para se direcionar a alguém que é visto como sexualmente atraente. Por isso, durante o avanço da gíria na comunidade, ela passou a ser associada a homens, exclusivamente.

Na sequência, quando a gíria foi traduzida para o português, foi usado apenas o adjetivo que traduz uma parte de seu significado, não especificando o gênero que também compõe o significado. Segundo Aurélio Buarque (2001, p. 73) atraente é um adjetivo, referente a algo que seduz, atrai e fascina. Segundo o site Dicio (2009), o Dicionário On-line, o termo atraente, deriva do latim “*attractivus, a, um*” que significa ter a capacidade de atrair para si.

Nesse caso, a gíria *hunk* utilizada para se referir a alguém do gênero masculino que é atraente. Na série contemplou apenas “atraente” para sua tradução, palavra que também se traduz seu significado de uma forma resumida. Vemos também que, enquanto *hunk* tem origem de um verbo já existente na língua de origem, atraente não é uma gíria, e seu significado e origem vem de outra língua, no caso o Latim. A série por traduzir apenas para atraente, já que na fala do personagem ele acrescenta a palavra *guy*, que significa “cara” já deixa

³¹ A Strong and sexually attractive male (SPEARS, 2000, p. 215).

³² (see *hump* (n.)). Meaning “attractive, sexually appealing man” is first attested 1945 in jive talk (in Australian slang, it is recorded from 1941) (HARPER, 2020).

³³ from *hump* (n.). Meaning “do the sex act with” is attested from 1785 (HARPER, 2020).

explícito que a frase se refere a alguém do gênero masculino, mesmo que a palavra em si já seja direcionada a um gênero específico.

Em resumo, podemos analisar também um método de tradução utilizado, equivalência. Vemos isso, pois mesmo não usando outra gíria do português para se traduzir a palavra, usaram um adjetivo que transmite o significado que a gíria quer passar. Na sequência o próximo termo.

TABELA 8

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Dyke	Sapata	"I thought she was a dyke"	4º Episódio 1º Temporada

Fonte: A Autora.

Nesse caso, podemos encontrar diversos estudos etimológicos. De acordo com Richard Spears (2000, p. 56) *dyke* ou *dike* ou *bulldiker* (todos contêm o mesmo significado) pode se referir às mulheres lésbicas, especificamente, agressivas ou masculinas, porém de forma pejorativa (tradução nossa)³⁴. Nesse cenário, Richard Spears (1985, p. 319) diz que alguns estudiosos acreditavam que *dyke* seria uma possível variação de *hemaphrodite*, mas segundo Spears o principal problema dessa associação é que não existe nenhuma evidência da palavra *hemaphrodite* sendo usada com o significado de "lésbica" (tradução nossa)³⁵. Spears (1985, p. 320) cita que a em 1980 no glossário de Forb de expressões vermiculares da comunidade negra lista *bull*, *bulldagger*, *bulldike*, e *dike* todas como "lésbica" (tradução nossa)³⁶. Por fim, *dyke* no caso se trata de uma gíria que obtém diversas outras gírias e, aparentemente, ela é apenas uma abreviação delas.

Outra possível fonte da gíria, segundo Spears (1985, p. 321) é encontrada por Tamony em 1972 tendo origem no que chamamos de *black english*, inglês usado por membros da comunidade negra, em que a palavra *bull dyke* se refere a uma vaca que não é capaz de engravidar por causa de um "hímen persistente". Tamony, também acrescenta, que o termo pode ter sido conhecido na região de Harlem (tradução nossa)³⁷. Apesar dessa possível origem, não existe uma prova do motivo pelo qual se foi escolhida a palavra *dyke* para se dirigir a mulheres

³⁴ a lesbian, especially if aggressive or masculine. (Rude and derogatory.) (Spears 2000, p. 56).

³⁵ One of the first problems encountered with claiming hermaphrodite as the ultimate source for dyke is that hermaphrodite has no record of use with the meaning 'lesbian'. Spears (1985, p. 319).

³⁶ Folb's glossary of black vernacular expressions (1980) lists bull, bulldagger, bulldike, and dike all glossed 'lesbian'. (Spears, 1985, p. 320).

³⁷ Possible evidence of a black English origin is found in Tamony (1972), where bullstopper and bull diker refer to a cow which cannot be impregnated because of a "persistent hymen"; Tamony indicates these terms may have been known in Harlem. (SPEARS, 1985, P. 321).

lésbicas ou às vacas. Spears (1985, p. 321) cita que por conta de ter uma origem incerta, a palavra pode ter vindo de alguma língua de matriz africana.

Certamente, assim como *bulldagga* (Tabela 5), *dyke* também tem origem na comunidade negra dos Estados Unidos, tendo cada uma sua origem, ambas também são usadas para se direcionar a mulheres lésbicas que são vistas como masculinas. Nesse cenário, a diferença que encontramos entre as duas gírias já citadas é que, quando se trata de *dyke* e suas variações, a palavra é associada a algo agressivo, analisando suas origens de forma mais aprofundadas, pode-se levantar a hipótese de que, na época, *bull dike* significando uma vaca que tem dificuldades para engravidar, era associado a lésbicas por não terem relacionamento heteroafetivos, logo, a possibilidade de engravidarem era bem menor.

Na série, foi traduzida por “sapata”, palavra também usada de maneira pejorativa para se referir às lésbicas, uma abreviação de “sapatão”. Foi-se apresentada na tabela 3 sua origem, que é decorrente a uma manifestação das mulheres lésbicas da época contra estereótipos femininos, em que elas usavam sapatos masculinos, que por sua vez eram números maiores que seus pés. E que ficou popularmente conhecida em 1980 por consequência de uma marchinha de carnaval da época. A gíria, no Brasil, também é usada de maneira pejorativa relacionada a elas.

Comparando a gíria em questão, são perceptíveis que, apesar de ambas serem usadas de forma pejorativa e reproduzindo preconceitos relacionados às mulheres lésbicas, *dyke* vem de um lugar relacionado à raça, e provavelmente, a cultura, já que aparentemente a palavra *dyke* em si, tem origem de uma língua de matriz africana, também é importante mencionar o fato de que *dyke* é associado a agressividade, já sapatão, não. Dessa forma, apesar de ser a palavra mais próxima da nossa língua relacionada á comunidade para se traduzir a gíria utilizada, não conseguiria repassar para os telespectadores seu real significado.

Em relação à *dyke*, podemos assimilar que sua tradução foi feita se usando dois métodos: equivalência e adaptação. A equivalência, como mencionado a cima, a origem do termo, não se trata apenas de orientação sexual, mas da questão racial e também cultural envolvendo o grupo que a criou, também vista de maneira extremamente pejorativa. E vemos a adaptação, porque não existindo

no português gíria que possa traduzir totalmente seu significado, se foi utilizada uma que é semanticamente equivalente a gíria utilizada na língua de origem. Imediatamente, a próxima palavra.

TABELA 9

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Queer	Viado	"he called me a big queer"	4º Episódio 1º Temporada

Fonte: A Autora.

As evidências da origem da palavra *queer* vem de séculos atrás. Segundo William Sayers (2005, p. 17) a primeira aparição da palavra foi no século XVI em um poema de Dunbar em que ele usa a palavra *queyr* (tradução nossa)³⁸. Porém a palavra quer começou a ser usada com o significado atual apenas em 1922. Sayers (2005, p. 17) diz que a origem do termo provavelmente veio do irlandês *cuaire* ou do irlandês moderno *cuar* que significa algo redondo, circular ou vazio, podendo significar também algo torto. (Tradução nossa)³⁹.

Conforme Sayers (2005, p. 18) acrescenta que, a primeira aparição de *queer* ligado a homossexualidade é uma publicação do governo dos Estados Unidos do ano de 1922, segundo Sayers, aparentemente não há antecedentes britânicos para o desenvolvimento semântico da palavra e que um empréstimo do irlandês é o que parece mais possível, assumindo que o último significado atribuído a palavra ocorreu no país mencionado (tradução nossa)⁴⁰

De acordo com o site *On-line Etymology Dictionary* de Harper (2021) o significado diz a respeito de "parecer, sentir e se comportar fora do normal" atribuído a *queer* aconteceu em torno de 1781. Segundo Harper (2021) *queer Street* foi o espaço imaginário criado 1811 em que pessoas com dificuldades e personagens sombrios moravam, também confirma, a seguir, que a primeira aparição citando homossexuais foi por volta de 1922.

Segundo Richard Pears (2000, p. 331) em *Dictionary of American Slangs and Colloquial Expressions*, a palavra *queer* usada para se referir a homossexuais, normalmente mulheres, de maneira pejorativa. Contudo, atualmente, é usada de maneira positiva. Como mencionado acima, *queer* era

³⁸ The first attestations, from the early sixteenth century, are Scottish, from Dunbar's flyting poem addressed to Kennedy, "Heir cumis our awin queir Cler" (Sayers 2005, p. 17).

³⁹ Modern Irish *cuaire* 'crookedness, state of being bent or hollow,' like the adjective *cuar* 'crooked, awry, bowed, round, circular, hollow,' (Sayers 2005, p. 17).

⁴⁰ There are no apparent British antecedents for this semantic narrowing and a direct loan from Irish English to American English seems possible, always assuming that this last extension of meaning occurred in the United States. (Sayers 2005, p. 18).

usada de uma forma pejorativa em relação a pessoas da comunidade LGBTQIA+ no geral, como pessoas problemáticas, e por muito tempo teve-se essa visão. As percepções da sociedade para com essa gíria mudaram quando a própria comunidade passou a ressignificar a palavra e aderir como uma palavra que abrange membros da comunidade. De acordo com Harper (2021) em *On-line Etymology Dictionary, Queer Studies* passou a ser oficializada como disciplina acadêmica em 1994 (tradução minha)⁴¹.

Como já vimos anteriormente na tabela 4, a gíria usada para se traduzir *queer*, “viado”, é preconceituosa, criada por associar as características do animal veado aos homens homossexuais. No caso, a gíria usada é associada apenas ao gênero masculino. Porém, vale observar que, *queer* por ser uma gíria que engloba todos os gêneros pode, também, ser utilizada para se referir aos homens. Foi-se traduzida usando a tradução oblíqua de adaptação para “viado”.

Em relação ao seu método de tradução, podemos identificar que o método utilizado dessa palavra foi o de equivalência, já que, na tradução feita da palavra da língua de origem, se foi utilizado um termo que é equivalente, pois apesar de *queer*, atualmente, abranger inúmeras orientações sexuais presentes na comunidade, neste caso, foi-se relacionado, especificamente, à pessoa, um homem, presente na situação, então, é necessário uma tradução que equivale a situação, mesmo não o traduzindo literalmente.

⁴¹ *Queer studies as an academic discipline is attested from 1994. (HARPER, 2021).*

TABELA 10

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Twit	estúpido	' <i>twit little twink</i> '	4º Episódio 1º Temporada

Fonte: pesquisadora.

Em *American Slangs and Colloquial Expressions*, Spears (200, p. 446) nos apresenta dois significados para a palavra *twit*. No primeiro, ele cita que a gíria pode ser usada para descrever um estado nervoso. E o segundo, significado que ele dá é referente a uma pessoa estúpida (tradução nossa)⁴². De acordo com o Harper (2021) em seu *site On-line Etymology Dictionary*, *twit* é uma gíria inglesa popular os anos 50 e 60 que significa: bobo, estúpido ou ineficaz. Provavelmente, influenciada por *nit – wit*, que significa o mesmo -uma gíria de 1940- (tradução nossa)⁴³.

Destaca-se que na série é usada para falar de alguém que não tem noção das consequências das suas ações, traduzida para “estúpido”. Para Holanda (2001, p. 299) a palavra significa falta de inteligência e discernimento. Importante destacar que ela não é considerada gíria na nossa língua, apesar de ter, basicamente, o mesmo significado de *twit*.

Em relação ao método de tradução usado para *twit*, também foi utilizado o método de equivalência, apesar de ter sido traduzido da língua origem para uma palavra que não se encaixa como gíria, no caso estúpido, também é a palavra que se encaixa propriamente como equivalente em relação ao significado de *twit*. A próxima análise, a seguir.

⁴² 1.n. A nervous or frantic state, 2. n. a stupid person. (Spears, 200, p. 446).

⁴³ "Foolish, stupid and ineffectual person," 1934, *British slang, popular 1950s-60s, crossed over to U.S. with British sitcoms. It may be influenced by nitwit.* (Harper, 2021).

TABELA 11

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Homos	Gays	<i>'I'll sell my body to gross old homos</i>	4º Episódio 1º Temporada

Fonte: pesquisadora.

A palavra *homo*, usada durante a série é uma abreviação para *homossexual*, segundo o Harper (2021) no seu *site Online Etymology Dictionary*, *homo* é um prefixo que significa igual, o mesmo ou parecidos (oposto de hétero) Essa palavra vem do grego que significa “o mesmo”, uma das primeiras aparições surgiu do Alemão *homosexual*, *homosexuale* Gustav Jäger em 1880 (tradução nossa)⁴⁴. Ele também cita que homossexual, de forma técnica é usada para homens e mulheres, mas de uma forma informal, é usada majoritariamente para homens. A gíria abreviada *homo* começou a ser usada apenas em 1929 (tradução nossa)⁴⁵. Então, a palavra homossexual começou a ser usada para se referir a pessoas que gostam de outras pessoas do mesmo sexo apenas nos anos 20.

De acordo com Spears (2000, p 208) *homo* é uma gíria usada de maneira pejorativa, ou para se referir a um objeto lugar frequentado por pessoas homossexuais, ou associado a pessoas homossexuais. Foi-se traduzida por *gays* que é um sinônimo de homossexual. Abreviação de “ homossexuais” do português “homossexual”, usou-se uma tradução literal, neste caso, pois é uma cognata de uma palavra brasileira. Nessa tradução, ambas as palavras traduzem o mesmo sentido.

Nesse caso, usou-se método de equivalência para se traduzir, porém é importante que se observe que homossexual é uma cognata de homossexual (no português). Vemos que poderia ter sido utilizado sua tradução literal, que também seria correta visto seu significado, mas por se tratar da narrativa de uma conversa formal seria mais viável o uso de uma gíria que também faz parte do vocabulário informal da língua portuguesa. Assim, utilizando uma gíria equivalente ao significado da palavra da língua de origem.

⁴⁴ *Short for homosexual (n.) [...] from Greek homos "same" [...] from German homosexual, homosexuale (by 1880, in Gustav Jäger) (HARPER, 2021).*

⁴⁵ *"homosexual person," by 1895, from homosexual (adj.). In technical use, either male or female; but in non-technical use almost always male. Slang shortened form homo attested by 1929. (HARPER, 2021).*

TABELA 12

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Drama Queen	Garotos Dramáticos	"the one for guests and drama queen"	4º Episódio 1º Temporada

Fonte: a autora

De acordo com a *Cambridge Dictionary* (2021), *drama queen* é uma gíria utilizada para se referir a pessoas que ficam chateadas ou zangadas em relação a pequenos problemas (tradução nossa)⁴⁶. De acordo com o *The Phrase Finder*, Diz que o termo surgiu na comunidade gay nos anos 1960 (tradução nossa)⁴⁷, segundo o *Cassell's Dictionary of Slangs* de Jonathor Green (1998, p.368) apud. *The Phrase Finder*. Entretanto, outra possível origem, segundo Harper (2021) em seu site sobre Etimologia, seria que a gíria foi certificada em 1992, referindo-se a alguém que reage a uma situação de uma forma melodramática, Mesmo que as duas origens citadas tenham anos diferentes, não se pode excluir a possibilidade da gíria já existir anteriormente, mesmo sendo atestada na década de 90.

Seria interessante além da expressão, analisar também cada palavra separadamente. Segundo a *Cambridge Dictionary* (2021) *drama* pode se relacionar a um evento ou uma situação, principalmente inesperada em que há preocupação e ansiedade e, normalmente, muita ação. Ele acrescenta que pode se referir também a excitação e energia que é criada por muita ação e argumentação (tradução nossa)⁴⁸, ou seja, *drama* envolve não apenas situações que podem eventualmente desestabilizar o indivíduo, como também, está ligada ao exagero de suas reações diante dos acontecimentos, algo dramático.

Como vimos acima, uma das possíveis origens ocorreu nos anos 60 na comunidade gay, também sabemos que a palavra *drama* não se encaixa necessariamente em uma gíria, porém segundo Spears (2000, p. 331) a palavra *queen* não é apenas associada ao sentido de rainha, mas também a um homem

⁴⁶ Someone who gets too upset or angry over small problems (Cambridge Dictionary, 2021).

⁴⁷ One reference says "drama queen" has its origins in the gay community during the 1960s. (Jonathor Green, 1998, p.368 apud. *The Phrase Finder*).

⁴⁸ An event or situation, especially an unexpected one, in which there is worry or excitement and usually a lot of action [...]the excitement and energy that is created by a lot of action and arguments (Cambridge Dictionary 2021).

homossexual (tradução nossa)⁴⁹. Nessa perspectiva, Spears não se prolonga em relação a essa palavra sendo usada como gíria LGBTQIA+, mas deixa claro que é usada para que a comunidade se dirija um ao outro, utilizando-se de inúmeros adjetivos seguidos pela gíria *queen*, tornando-se assim, uma gíria só, como veremos exemplos a seguir (tabela 15).

Logo, a tradução usada para a gíria foi garotos dramáticos, vemos que a gíria não foi substituída por outra durante o processo de tradução por equivalência, seguindo o conceito apresentado por Malcolm Coulthard (1991, p. 67) que menciona que a equivalência consiste em substituir um segmento de texto da língua origem, por outro segmento da língua de tradução que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente. Podemos afirmar que foi-se usada equivalência pois, as palavras não foram traduzidas para o português da sua forma literal, ao contrario, o tradutor procurou substituir da forma que, aparentemente seria mais fácil para o espectador compreender a mensagem passada com a gíria. A seguir, a próxima gíria.

⁴⁹ *Queen n. a homosexual male.* (Spears 2000, p. 331).

TABELA 13

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Top	Ativo	<i>You-re the bottom, remember?</i>	5º Episódio 1º Temporada
Bottom	Passivo	<i>Is he a top or a bottom?</i>	5º Episódio 1º Temporada

Fonte: a autora

Tratando-se, respectivamente, das duas gírias, elas necessitam ser analisadas em conjunto, pois ambas se complementam. De acordo com Justus (2021?) em sua matéria sobre a origem dos termos no site *Encyclopedia* os termos *top* e *bottom* surgiram como descritores de uma forma sexual binária na cultura gay dos anos de 1950 e na cultura de submissão e sadomasoquismo nos anos de 1960 (tradução nossa)⁵⁰. Percebe-se em ambas as gírias foram criadas em conjunto e que fazem parte da comunidade á pelo menos 70 anos.

Segundo Justos (2019?), originalmente, a binariedade das gírias *top* e *bottom* é referente á posições sexuais ou de dominação de poder, em que o *top* seria o parceiro dominante e o *bottom* o submisso (tradução nossa)⁵¹. Justus (2019?) completa que os termos evoluíram nos anos de 70 e 80 dentro da comunidade gay, mas que, também foram adaptados pela comunidade lésbica (tradução nossa)⁵². Nota-se que, dentro da comunidade LGBTQIA+ não é algo homogêneo e que cada comunidade formada por sua orientação sexual em si desenvolvem também suas próprias gírias em conjunto, que podem, ou não, serem adaptadas para as outras.

É importante lembrar que, muitas das visões, incluindo gírias trazem o reflexo de seu tempo. Segundo Justos (2019?) recentemente as gírias são usadas, porém ambas tem sido criticadas por imitar a binariedade heterossexual. Apesar de muitos homossexuais se definirem como *top* ou *bottom*, mais e mais

⁵⁰ *The terms top and bottom emerged as descriptors of a sexual binary in the gay leather culture of the 1950s and the bondage and sadomasochism (BDSM) culture of the 1960s. (Justus, 2021?).*

⁵¹ *Originally, the top-bottom binary signified both sexual positions and power [...] in which a dominant partner; the bottom represented the more submissive. (Justus, 2021?).*

⁵² *These terms evolved in the 1970s and 1980s as they were adapted by the gay community [...]the terms also have been adapted by the lesbian community. (Justus 2021?).*

estão aderindo termos como *versatile* (versátil) (tradução nossa)⁵³. Como vimos relacionadas em outras gírias como *Butch* (tabela 3) muitas gírias e costumes da comunidade LGBTQIA+ eram influenciadas por costumes heteronormativos, impostos pelo corpo social existente da época em que surgiram. Isso refletia não apenas na maneira de se vestir, mas também na maneira de se relacionar e como a sexualidade era vista na época, por esse motivo, atualmente, a comunidade vem tentando desconstruir seus significados antigos.

Mencionando significados, é importante, também, analisarmos as traduções usadas na série. De acordo com Holanda (2001, p. 72, 518) em seu dicionário descreve ativo como uma pessoa que exerce uma ação; que age. E descreve passivo como quem sofre ou recebe uma ação. Em se tratando desses termos eles podem ser empregados em diversas áreas e situações dependendo de quem os usa e como é citado, por exemplo, no site Conceito De (2019) explica que no conceito filosófico passivo é relativo a alguém que perde seu livre arbítrio e não tem mais vontade própria. Vemos que mantém a ideia central de que se refere a alguém que é submisso a outra pessoa, seja por ações ou ideias. Desta forma, estes termos também são usados pela comunidade LGBTQIA+ para se relacionar ao ato sexual entre parceiros homoafetivos, adquirindo assim outra funcionalidade com o mesmo significado que o inglês. Ativo o que realiza a ação e tem características mais dominantes, e passivo o que recebe a ação e tem características mais submissas.

Identificam-se essas duas palavras como não só gírias culturais, como também uma gíria classificatória e eliminatória dentro da comunidade em si levando em conta seus significados. A gíria em questão demonstra uma classe, e que influencia nas relações interpessoais dentro da comunidade. No Brasil, ela também se identifica como uma gíria classificatória e eliminatória, apresentando as mesmas questões citadas da sua versão em inglês. Nesse caso, também se foi usado para se traduzir o método de equivalência, que se é usado quando não traduzimos literalmente mas que lhe é funcional e equivalente (Coulthard 1991, p. 67) e não seria necessário, por exemplo, uma transferência com explicação, já

⁵³ *The top-bottom binary has been criticized for imitating the heterosexual binary. Although there continue to be large factions of gay men who identify as either top or bottom, more and more are starting to claim a more versatile status. (Julius, 2019?).*

que os seus sentidos, nesse caso, são os mesmos. Também vemos que foi usado um transposição durante o processo de transição, consistindo na mudança da categoria gramatical. O que, mesmo assim, não alterou seu significado (Coulthard 1991, p. 66). Vejamos a tabela a seguir.

TABELA 14

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Dream Boat	Tesão	<i>Jeff is such a dream boat.</i>	6º Episódio 1º Temporada

Fonte: a autora

Em relação a essa gíria em inglês, de acordo com Spears (2000, p. 120) em seu dicionário de gírias e expressões coloquiais, *Dreamboat* é usado para se relacionar ao tipo de pessoa que alguém sempre sonhou. Segundo Spears é um termo de direcionamento (tradução nossa)⁵⁴. Percebemos os sentidos relacionados a sonho de uma forma romântica, é algo que fica claro por conter a palavra *dream*. O respectivo significado mencionado anteriormente é sustentado, também, por Harper (2021?) em seu site sobre etimologia. Harper diz que *dreamboat* significa uma pessoa romanticamente desejável. Aparentemente a gíria foi reconhecida em 1947, porém, já era usada pelo menos duas décadas antes (tradução nossa)⁵⁵.

Harper (2021?) também cita que a frase “*When My Dreamboat Comes Homes*” foi o título de uma canção lançada em 1936. Creditada para Guy Lombardo (tradução nossa)⁵⁶. Dessa forma, o sentido empregado a palavra em 1936 já era o mesmo no verso da música em que o cantor diz: *When my dreamboat, comes home/ and my dream no more will roam/ I will meet you and I'll greet you/ when my dreamboat comes home*. Nessa parte, na segunda estrofe o cantor diz que assim que o seu *dreamboat* chegar seus sonhos não irão mais vagar, dando a mesma ideia das traduções acima citadas. E é o arquivo mais antigo citando *dreamboat* com o respectivo significado.

A tradução usada para essa gíria segundo Holanda (2001, p. 670) a palavra *tesão* é usada para indicar intensidade e descrever um indivíduo que inspira desejo sexual. Vemos, então, a diferença entre os significados atribuídos a gíria, no caso de *dreamboat*, o significado associado é romântico, não sexual, empregado a uma pessoa que sonha, romanticamente com outra, a tradução da

⁵⁴ “n. just the kind of lover one has always dreamed of. (Also a term of address.)” (Spears, 2000, p. 120).

⁵⁵ “romantically desirable person,” 1947 (Harper, 2021?).

⁵⁶ The phrase was in use about two decades before that. “*When My Dream Boat Comes Home*” was the title of a 1936 song credited to Guy Lombardo. (Harper, 2021?).

gíria em português tentou, aparentemente deduzir, em qual sentido o personagem da série usou, porém em todos os seus significados, é atribuído a ela um contexto não sexual.

Vemos que, no caso, o tradutor usou um método de equivalência na tentativa de traduzi-la, aproximando a tradução de uma maneira considerada mais apropriada para o que seria a frase em português, porém falhou ao atribuir uma palavra que, de certa forma não se traduziu o real sentido da palavra. Seria mais considerável uma adaptação que se aplica em casos onde a situação toda a que se refere à língua de origem não existe na realidade extralinguística dos falantes da língua da tradução (Coulthard, 1991, p. 76). Por fim, observe a tabela a seguir.

TABELA 15

Gíria	Tradução utilizada pela série	Fragmento contendo a gíria	Nº do episódio
Scene Queen	Programado	<i>You are a scene queen</i>	6º Episódio 1ª Temporada

Fonte: A Autora.

Vimos na tabela 12, que a palavra *queen* é associada, segundo Spears (2000, 331) não é apenas associada ao sentido de rainha, mas também á um homem homossexual (tradução nossa)⁵⁷. É uma forma de se direcionarem uns aos outros dentro da comunidade. Essa palavra é associada, normalmente a um adjetivo, relacionado uma ação exagerada por outra pessoa.

Por isso, a palavra usada para acompanhar *queen* nesse caso foi *scene*, segundo Harper (2021?) surgiu aproximadamente nos anos de 1530, e significa subdivisão de um ato de uma peça, no caso teatral, também pode significar local onde algo ocorre (tradução nossa)⁵⁸. Então vemos que, nesse caso, *scene* se relaciona a uma atuação ou fingimento. Segundo o *site Lexico* (2021?) que é administrado pela Oxford, a gíria é comum na comunidade gay e pode se referir a um homem homossexual extremamente presente na cena social gay e é mais relacionado a homossexuais que são *camp* (veja a tabela 1) e que ostentam. O Léxico também acrescenta que a gíria surgiu em torno de 1980. Nesse caso, analisando a situação e tradução empregada se pode identificar que tem relação não apenas com aparecer em uma cena, se mostrar de alguma forma, mas também com estar presente e a frente de situações.

A tradução usada para a gíria foi programado, programado vem da palavra programa que de acordo com Holanda (2001, p. 560) pode significar um conjunto previamente definido de instruções a serem executadas. Alguém programado, no caso, refere-se a um indivíduo que possui ações previamente pensadas e que não age de forma natural de acordo com a situação. Nesse caso, analisando tanto a gíria em si quanto a gíria utilizada para a mesma, vemos que, dependendo da forma como foi usada, cada um possui um significado diferente, considerando o significado empregado por Harper, a tradução estaria ligada ao sentido de fingir, atuar, logo, teria uma conexão com o sentido da tradução que foi usada neste

⁵⁷ *Queen n. a homosexual male.* (Spears, 2000, p. 331)

⁵⁸ 1530s, "subdivision of an act of a play," (Harper, 2021?).

caso. Porém, levando em conta a tradução do *site Léxico*, que cita a gíria como sendo uma gíria LGBTQIA+, e aplica a ela o sentido usado dentro da comunidade, que seria relacionado a uma pessoa que se destaca dentro da comunidade e alguém ativo, seu significado seria diferente.

Logo, testifica-se que o método utilizado para se traduzir essa gíria também foi por equivalência, porém se analisarmos tanto o contexto da situação na série, quanto a tradução da gíria quando relacionada a comunidade LGBTQIA+, verifica-se que a tradução utilizada não é a correta. Dessa forma, poderia ter sido utilizada o método por equivalência, pois a gíria seria traduzida de uma forma em que seu significado fosse mais próximo do significado ideal da palavra, porém ao não se analisar o contexto e o conceito não apenas das palavras, mas da gíria dentro da comunidade, o significado se perdeu.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, considerando a proposta apresentada como objetivo geral de analisar o uso de gírias e suas traduções na comunidade LGBTQIA+ e os fatores que as aproximam ou distanciam, mesmo que esse grupo social específico se situe em diferentes culturas, então, foi-se analisado as situações que podem aproximar gírias em inglês de suas traduções.

Para que o trabalho alcançasse seus objetivos, foi formado o *corpus* de gírias a partir da série *Queer as Folk*. Para isso, foi prudente a comparação de suas gírias e traduções utilizadas durante a série, buscando suas semelhanças, não só em significados, mas também, em suas origens, como as gírias são utilizadas dentro da comunidade LGBTQIA+, para traçar os fatores que as aproximam de suas traduções, avaliando e descrevendo esses fatores e comparando-os para que fosse possível obter resultados, em seguida, foram analisadas as traduções para a língua portuguesa, identificando se a tradução foi feita da melhor forma para que todas as questões que envolvem tais gírias fossem representadas corretamente.

. De acordo com a pesquisa realizada, baseada nas etimologias das gírias e de suas traduções, é possível afirmar que, as vivências destes grupos possibilitam que haja significados semanticamente parecidos em relação às gírias utilizadas em situações semelhantes e direcionadas a pessoas específicas. Foi possível constatar que, apesar da existência de uma gíria equivalente em português, muitas vezes, ela é traduzida por palavras mais simples, que não chegam a serem identificadas como gírias.

Todavia, não é possível afirmar que a globalização e o acesso à internet influencie totalmente a criação dessas gírias em países distintos, fazendo com que esses grupos criem uma conexão entre si, facilitando o surgimento de gírias, pois elas mencionadas tanto no inglês quanto no português tiveram influência apenas de suas experiências em sociedade e sua resistência perante a opressões sofridas, não houve troca entre culturas distintas para que houvesse o surgimento de suas gírias. Inclusive, por este motivo, apesar da hipótese acima ter sido confirmada, ela não se aplica a todas, uma vez que, em se tratando

especialmente de suas vivências, e elas serem, também, alimentadas pela cultura regional, haverá gírias que não serão totalmente correspondentes.

Por fim, podemos constatar que, no processo de tradução é extremamente importante se conhecer não apenas os significados das palavras que serão usadas, mas também a cultura e o grupo do qual a gíria foi criada, para que se possa inserir, da melhor forma, uma tradução adequada e aproximada do que se acredita ser a versão da língua origem na língua alvo.

Portanto, analisar os processos de traduções também de maneira informal, é de extrema importância para que se possa perceber que vivências influenciam as gírias em suas etimologias e em suas traduções, podendo assim levar em conta todos os contextos da língua de origem no processo de tradução. Assim avaliar não apenas um grupo como vários outros em que ocorrem situações semelhantes.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNETT, M. & BARRETT, G. **Origins of “camp” and “campy”**. A Way With Words. Disponível em: < <https://www.waywordradio.org/camp-campy-origins/> >. Acesso em: 08 jan. 2020.

BERMAN, A. **A Tradução E A Letra**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Ltda. 2007.

BORDENAVE, M. **Tradução: Encontro de Linguagens e Ideologias**. Rio de Janeiro. Tradução em Revista. 2012.

CAMBRIDGE. **Drama Queen**. Cambridge. [S.l.]. [2019?] Dictionary. Disponível em: < <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/drama-queen> >. Acesso em: 09 jan. 2020

DE CASTRO, D. **Você sabe como surgiu o termo sapatão?** [S.l.]. 2017. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/07/voce-sabe-como-surgiu-o-termo-sapatao>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

RIBEIRO, D. **Significado de Atrativo**. DICIO. [S.l.]. 2021. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/atrativo/>>. Acesso em: 18 de Mar. 2021

CONCEITO DE. **Passivo**. [S.l.]. 2019. Disponível em < <https://conceito.de/passivo> >. Acesso em: 24 mar 2021.

COULTHAND, M. **Tradução: Teoria e Prática**. São Paulo: Verus – Record. 199.

CRONIN, M. **Translation and Identity**. New York: Routledge, 2006.

FARIA, F. **Casamento gay não é lei, mas é direito garantido pela Justiça**; entenda. [S.l.] 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/11/casamento-gay-nao-e-lei-mas-e-direito-garantido-pela-justica-entenda.shtml>. Acesso em: 7 mar 202.

FIORIN, José Luiz. **A Linguagem Humana: Do Mito Á Ciência**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

GLEISSON, A. **De A – Z: Conheça as gírias e termos do mundo gay!** [S.l.] 2013. Iblogay. Disponível em: <https://iblogay.wordpress.com/2013/02/19/conheca-as-girias-do-mundo-gay/>. Acesso em: 02 de jan. 2021.

ON-LINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Drama**. [S.l.] Disponível em: < https://www.etymonline.com/word/drama#etymonline_v_15880 >. Acesso em: 23 de mar. 2021.

ON-LINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Dreamboat**. [S.l.] Disponível em: <<https://www.etymonline.com/search?q=dreamboat>>. Acesso em: 23 de mar. 202.

ON-LINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Doofus**. [S.l.]. 2019. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/doofus#etymonline_v_24596>. Acesso em: 18 de mar. 202.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Faggot**. [S.l.]. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/faggot> . Acesso em: 10 mar. 2021.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Hunk**. [S.l.]. 2018. Disponível em: https://www.etymonline.com/word/hunk#etymonline_v_16066. Acesso em: 18 de mar. 2021.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Hump**. [S.l.]. 2018. Disponível em: https://www.etymonline.com/word/hump?ref=etymonline_crossreference#etymonline_v_16055. Acesso em: 18 de mar. 2021.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Twink**. [S.l.]. [2019?] Disponível em: <https://www.etymonline.com/search?q=twank>. Acesso em: 08 jan. 2020.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY **Twit**. [S.l.]. 2015. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/twit#etymonline_v_18880>. Acesso em: 08 jan. 2020.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Queer**. 2021. [2019?] [S.l.]. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/queer#etymonline_v_3174>. Acesso em: 18 de mar. 2021.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **Scene**. [2019?] [S.l.]. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/scene#etymonline_v_22869>. Acesso em: 25 de mar. 2021.

HOLANDA, F. **Mini Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2000.

JONES, Regina. **How Does a Bulldagger Get Out of The Footnote? Or Gladys Bentley's Blues**. Encompass. 2012.

JUSTUS. J. **Top/Bottom**. Encyclopedia.com. [S.l.]. [2019?]. Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/social-sciences/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/topbottom>>. Acesso em 24 mar 2021.

LEXICO. **Scene Queen**. [S.l.]. [2021?] Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/scene_queen> . Acesso em: 25 mar 2021.

OXFORD. **Faggot**. Oxford English Dictionary.[S.l.]. 2018. Disponível em: <https://www.oed.com/viewdictionaryentry/Entry/67623>. Acesso em: 08. jan. 2020

PIERCE, J. **Semiótica**. São Paulo. Perspectiva. 2000.

PRETI, D. **Fala e Escrita**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2000.

RINDER, L. **Art Life**. New York. GREGORY R. MILLER & CO. 2005.

SAYERS, W. **The Etymology of Queer**. Routledge. 2015.

SIMON, S. **Gender in Translation**. New York: Routledge, 2005.

SPEARS, R. **NTC's Dictionary of American Slangs and Colloquial Expressions**. NTC Publishing Group. 2000.

SPEARS, R. **On the Etymology of Dike**. Duke University Press. 1985.

THE PHRASE FINDER. **Drama Queen**. [S.l]. 2010. Disponível em < https://www.phrases.org.uk/bulletin_board/61/messages/895.html>. Acesso em: 23 mar. 2021.

THEM. **Connor Franta Explains the History of the Word "Twink"** | Inqueery | them. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dAL_qb46cvM&t=133s>. Acesso em: 09 jan. 2020.

THEOPHANO. T. **Butch-Femme**. LGBTQ Arquivos. 2015.

TYSON, L. **Critical Theory Today**. Editora Routledge. 2014.

VERCESI. A. **Por que o burro virou símbolo da ignorância?** Super interessante. 2018. Disponível em < <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-o-burro-virou-simbolo-da-ignorancia/>>. Acesso em: 17 mar. 2021